

Filomena Serpa, uma poetisa açoriana do século XIX agora redescoberta

FILOMENA SERPA (2017). *Poesia*. Recolha de Carlos Enes. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 123 p.



A poesia de Filomena Serpa surge reunida, neste livro, cento e quarenta anos depois da sua estreia literária. Tem de se saudar o facto de Carlos Enes ter procedido à compilação dos poemas dispersos publicados na imprensa e dos inéditos que estavam em posse da família, pois fica estabelecido mais um *corpus* poético peculiar no panorama da literatura do século XIX, nos Açores, até agora praticamente desconhecido. E de realce, também, por se tratar de uma jovem poetisa, que arrostou com os preconceitos da época, pelo facto de querer impor-se na Poesia, como escritora de pleno direito, entre os seus pares masculinos.

Muito curioso é o longo poema que tem por título *Porque é que não escrevo*, que só agora é publicado – Filomena Serpa inibiu-se de o dar à estampa, mas escreveu-o «A pedido do suave poeta Ernesto do Amaral». Constitui um depoimento arrojado e lúcido sobre o estatuto da mulher no século XIX, discriminada nos planos cultural e artístico por literatos, que, como diz, *Passam-lhe desde logo, os honrosos diplomas/ De tola e pretensiosa*. Além disso, as suas manifestações consideradas então de adesão à corrente ideológica do Positivismo e às tendências estéticas do Realismo, que entravam em fogo cruzado com o Ultra-Romantismo, mereceram-lhe o maior repúdio por parte dos ironicamente designados por ela «críticos do ofício». Neste poema, a poetisa denuncia essas atitudes, referindo sarcasticamente:

Se está desiludida e desgostosa e céptica
Crente apenas no vício
Enfim – positivista –
Mostra no seu cantar a animação frenética
Da escola realista/ Taxam-na de grosseira e doida e de mil coisas
Que eu agora não junto
Dizendo que ela usurpa a linguagem o assunto
Dos livros masculinos/ E que melhor faria
Trabalhando em casa crochet, mirando figurinos
E deixando a poesia.

Filomena Serpa tinha apenas dezassete anos quando escreveu este poema, que se revela precioso como testemunho cabal da sua precoce maturidade e desenvoltura intelectual, apesar de viver isolada num meio insular muito distante geograficamente dos centros de cultura – Coimbra, a capital, a Europa. A realidade é que, mercê das excelentes e renovadas bibliotecas a que eventualmente teria tido acesso, no seu meio social das Velas, na ilha de São Jorge, esta Mulher revela-se, como açoriana, pioneira na leitura de poetas do Romantismo europeu, conhecendo várias línguas e apreciando as *Belles Lettres*, o que era excepcional numa ilha onde a primeira escola feminina só abre precisamente um ano antes do seu nascimento. Personalidade de carisma intelectual e pessoal de excepção, pela leitura da sua poesia, reconhece-se na sua inspiração um verdadeiro talento, aliás elogiado em referências que são feitas aos seus poemas, quando são publicados na imprensa, nomeadamente no Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, ultrapassando assim a sua poesia os limites da ilha e alcançando-se a outros voos.

Se uma palavra fosse pedida para definir a sua poesia, ela seria musicalidade. O seu itinerário interior é apresentado por uma voz de poeta que sabe utilizar o valor das sonoridades e dos ritmos assim como o poder evocativo das imagens. A inspiração acomoda-se à métrica rigorosa dum soneto ou, então, a fantasia dum sonho leva-a para ritmos oscilantes, sujeitos aos movimentos do coração e dos caprichos da imaginação. A arquitectura apurada do verso e a exploração sugestiva da prosódia parecem beber no Almeida Garrett das *Folhas Caídas* os cambiantes indispensáveis à metamorfose da matéria sensível do mundo em poesia.

Quando a obra de arte expressa os valores essenciais da realidade, e se a realidade, segundo a maneira de ver dos Realistas e Parnasianos é, no seu essencial, perene, absolutamente definida, a sua estilização artística tem de ser perfeita. Este anseio de perfeição formal, que se consubstancia na construção dialéctica

do poema, na escolha meticulosa do léxico, na estruturação sintáctica e na tessitura rítmica, está presente na poesia de todos os parnasianos. Poeta tangencial ao Parnasianismo, Filomena Serpa cultivou uma estética romântica, que aliás atravessou todo o século XIX, nas suas evoluções de gosto. Poesia de expressão pessoal, confiança lírica de vivências, a par com a poesia de circunstância, a reflectir a vida social e em que sobressai o discurso da mundanidade ou da homenagem, convivem na sua obra como resultado de um interesse pelo quotidiano, captado em instantes e cenas íntimas ou em momentos de celebração. Sobretudo nos poemas que ficaram inéditos, observa-se a necessidade de experimentação de várias tendências estético-literárias que passam pelo Ultra-Romantismo e até por uma poesia de Romantismo social, ao gosto de Antero.

As suas impressões descritivas, de uma comovida sobriedade dramática, valem pela exactidão do recorte e pela transposição plástica de sensações e de emoções. A mestria no uso de recursos retóricos (apóstrofes, interrogações, invocações, hipérbatos, quiasmos...) vem acentuar a teatralidade de alguns poemas, projectando neles uma visão analítica e questionadora sobre os segredos, cumplicidades e intuições que aí afloram.

O lirismo de juventude da poetisa da ilha de S. Jorge percorre temáticas variadas. O amor aparece concentrado no elogio da vida espontânea em contacto directo com a natureza, associado à passagem do tempo que consequentemente gera a lembrança da felicidade perdida. A mulher é idealizada numa dimensão neoplatónica combinada com a exaltação das qualidades sensíveis, e até sensuais, que a configuram como um ser único, arrebatadora de sentimentos exaltados, possuidora de um estranho fascínio que a torna móbil numa relação amorosa, por vezes cristalizada em poemas ambíguos de profunda e íntima amizade. A superação de uma existência amarrada ao mundo convencional surge associada ao sonho, à evasão no tempo e no espaço e até à fuga através do amor. Tal como Cesário e Pessoa que ambicionavam conhecer o mundo, permanecendo fisicamente no torrão natal, também Filomena Serpa manifesta essa necessidade de evasão e de saída da ilha interior e geográfica em que se encontra – a insularidade deve ter-lhe aguçado o desejo de sair do perímetro físico que a confinava, tal como a muitos outros ilhéus e poetas açorianos.

A corroborar o conflito existencial que labora em combustão lenta, os motivos da morte, do tédio, da melancolia, da voluptuosidade surgem eivados de fundura expressiva, aproximando-se das tendências dum Romantismo inglês e/ou alemão que a poetisa teria conhecido nas suas versões mais divulgadas, através de leituras de Tennyson (que, tal como Byron, tinha visitado Lisboa e Sintra em 1859, gozando de enorme popularidade como poeta pré-raphaelita,

na época vitoriana) ou de Friedrich Ruckert, poeta musicado por Schumann e Mahler em *canções* inspiradoras – tudo isto sugerido por citações destes escritores seus contemporâneos.

Estamos, portanto, perante uma Mulher que tentou afirmar-se na poesia desde muito jovem, uma intelectual que dominava as línguas de cultura (o inglês, o francês, o italiano, o espanhol) e que usava a sua, subordinada às exigências da estética parnasiana, com a mestria do léxico erudito e da imagem sumptuosa. Acrescente-se a estes dotes a habilidade versificatória, rica e notável pela variedade métrica e pela adaptação fácil a variados ritmos. Compondo em métrica tradicional, usando a quadra e a redondilha maior e menor, Filomena Serpa fliava-se, por um lado, nas ressonâncias do Romanceiro cultivado por Garrett. Por outro lado, os seus longos poemas combinam com desenvoltura a sextilha e a oitava, tão caras aos poetas românticos, em versos decassilábicos, heróicos quebrados, alexandrinos e mesmo eneassílabos, o verso preferido para traduzir a «doce melancolia» da sensibilidade oitocentista.

Muito há a descobrir e a saborear nesta poesia que, não conseguiu atingir um lugar de destaque no panorama literário português, por razões por demais óbvias: a condição feminina não lhe favoreceu a fortuna literária (note-se que a poetisa omite a sua identidade sob um pseudónimo masculino, Carlos César, quando publica o poema *O Quadro da Noiva*, no Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, o que nos faz lembrar George Sand, a escritora francesa sua contemporânea, que o fizera também para publicar a sua obra); pelo facto de, por opção pessoal – a esperável, à época –, a poetisa ter trocado as Musas pelo Lar, como confessa num poema inédito:

A Arte, a verdadeira

Quer se maneje o escopro, a pena ou o pincel

Exige simplesmente a nossa vida inteira

Gasta num forte estudo e num amor fiel.

[...]

Eu não posso entregar a minha vida à arte!

Reclama-me outra lida e chama-me outro amor

E mesmo por a amar, deixa-a por minha parte

a um cérebro mais livre, a um feliz cultor!

e ainda, porque o afastamento a que a ilha a condicionou certamente não lhe permitiu, com facilidade, aceder aos círculos literários dominantes, a não ser por demorada correspondência, com todas as vicissitudes que se podem imaginar.

Como sua conterrânea também nascida na ilha de São Jorge, foi com imenso entusiasmo e emoção que aceitei o convite de Carlos Enes para me debruçar, ainda que muito superficialmente, sobre este acervo que, sem sombra de dúvida, merece ser divulgado e até estudado. E graças ao Instituto Açoriano de Cultura, que continua a ser o editor atento a todo um património cultural que constantemente enriquece o prestígio das nossas ilhas, é possível a divulgação da poesia de Filomena Serpa.

Coimbra, Julho de 2017.

*Leocádia Regalo**

* Licenciada em Filologia Românica, Leocádia Regalo tem desenvolvido intensa atividade cultural como professora e formadora, bem como nas áreas da crítica literária e da tradução. No âmbito da criação literária, tem-se afirmado como escritora no domínio da poesia.